

O candomblé da Bahia na crise da modernização: dois testemunhos (Valnázia Pereira de Oliveira e Valdina Oliveira Pinto)

Martin LIENHARD

Universität Zürich - Romanisches Seminar

Resumo

Na cidade de Salvador da Bahia, o candomblé, religião brasileira de ascendência africana, é uma instituição fortemente enraizada no tecido cultural, particularmente nos setores marginalizados e populares. Por isso mesmo, ele se acha exposto às mudanças sociais e culturais que vêm provocando os processos de modernização. Os testemunhos paralelos de uma mãe-de-santo do culto nagô («iorubá») e de uma makota de um terreiro «de nação Angola» — ambas pertencentes, em termos religiosos, a uma geração intermédia — permitem imaginar como se reage, no interior dos terreiros, ao embate desses processos.

Não se poderia ignorar, num debate que pretende avaliar as repercussões da modernização sobre as culturas marginalizadas, as vozes dos próprios «envolvidos». Algumas delas aparecem, citadas no meio de um discurso de alcance mais geral, em vários trabalhos deste volume. Outras nos falam nos mitos apresentados por alguns dos contribuintes mais ligados à etnografia. Para ampliar mais a sua presença, vou apresentar aqui os testemunhos, recolhidos ao longo de várias entrevistas, de duas representantes do candomblé de Salvador da Bahia: Valnázia Pereira de Oliveira e Valdina Oliveira Pinto. Nessa cidade, a prática do candomblé, religião brasileira de ascendência africana, é sem dúvida a expressão principal da cultura «tradicional» dos negros. As comunidades que se reconhecem no candomblé, negro-mestiças mais não exclusivamente, formam também, em Salvador, uma das importantes redes sociais. Segundo uma das praticantes entrevistadas, todo negro, queira ou não, «tem a ver com o candomblé». Embora seja sem dúvida a religião mais difundida numa cidade que conta milhares de terreiros onde se cultuam os orixás, o candomblé, que não obteve nunca o reconhecimento oficial, pode se considerar como uma prática «marginalizada». Ora, «marginalizada» não equivale a «marginal». O candomblé, com efeito, é um espaço nada marginal onde repercute, com muita

força, a crise da modernização que vive — embora cada setor a seu modo — toda a sociedade baiana. Hoje, o candomblé, um dos cartões de visita do turismo baiano, põe em jogo importantes interesses econômicos e políticos. Existem pressões mais ou menos perceptíveis para o transformar num «folclore» comercializável. Além desses fatores de perturbação externos, parece que a própria experiência «moderna» dos praticantes mais jovens ameaça certos aspectos da tradição religiosa, nomeadamente na transmissão dos conhecimentos latentes na memória coletiva do candomblé. Ora, nos dois testemunhos recolhidos se sente a vontade das praticantes de conservar ao máximo, no meio da «tormenta», a autonomia religiosa, política e econômica da instituição.

A ialorixá ou «mãe-de-santo» Valnázia (de Airá) Pereira de Oliveira é a líder do Terreiro do Cobre, localizado no Engenho Velho da Federação: um bairro popular antigo de Salvador. No «Cobre», exemplo das preocupações sociais que não podem deixar de existir nos terreiros, existe um projeto experimental de educação alternativa. Valdina Oliveira Pinto (Jime-waanga) é uma makota — iniciada de muitos anos — do vizinho Tanuri Junçara, terreiro «de nação Angola». Há vários anos que ela trabalha num organismo que tenta «federar» os terreiros de candomblé: a FEBACAB (Federação Baiana do Culto Afro-Brasileiro). As de Valdina e de Valnázia são vozes talvez representativas das atuais gerações intermédias do candomblé, muito conscientes dos desafios que implica a complexa situação atual (cf. Bacelar: neste volume), mais desejosas de manter — ou de recriar — a «essência» da religião.

O depoimento de Valdina Pinto de Oliveira, convidada ao simpósio de Ascona mas impedida de viajar, se gravou em Salvador entre fim de julho e princípios de agosto de 1995. De Valnázia, embora ela já testemunhasse numa sessão do simpósio, se transcrevem aqui as declarações mais espontâneas que ela me fez posteriormente — agosto de 1995 — no seu terreiro baiano. Em ambos os casos se selecionaram os trechos da conversa que mais interessam no contexto de um debate sobre os efeitos da «modernização» sobre uma cultura «marginalizada». Para não dificultar a leitura dos testemunhos, se normalizou sua fonética, mais sem tocar sua sintaxe nem seu léxico: desejava-se, com efeito, fazer ouvir as «vozes» de Valnázia e de Valdina. São as únicas, aliás, que se dirigem diretamente aos ouvintes-leitores destas atas.

Testemunho de Valnizia

Candomblé: o terreiro

Martin: Como foram seus primeiros tempos aqui no terreiro do «Cobre» ?

Valnizia: Depois que D. Das Dores [a administradora da casa] morreu, ficou difícil para mim. A casa ficou aí fechada, aí tudo acabado, aí os orixás começaram a cobrar mais, até que eu vim. Já tinha me iniciada, mi iniciei com 16 anos, estava muito nova, já tinha casado, estava com criança, tentando estudar. Não estava aceitando ainda [o cargo de mãe-de-santo], mais aí chegou o momento que não deu mais para adiar. Vim para fazer uma oferenda para Xangô. Aí mesmo, minha mãe-de-santo, as abomes (quer dizer as pessoas mais velhas no santo), aí me aconselhavam: «minha filha, vá, que essa santa família está toda assim, tem problemas de saúde, de desemprego». A família estava toda desnordeada, abandonada. Eu vou lá dar comida a Xangô. Eu vim, fiz a primeira oferenda para Xangô, para os orixás e tudo, mas não quis ficar morando nem iniciar ninguém, porque estava com vinte e poucos anos na época. Eu disse: «Não, não vou aceitar mesmo». Porque eu sei que é muito complicado, sei que é muita responsabilidade, essa coisa de liderança, apesar de que eu sou uma privilegiada em termos de filhos-de-santo, sabe ? Meus filhos-de-santo são assim muito bons todos eles, ajudam muito, contribuem muito, não financeiramente, mas me dão força aqui freqüentando e têm aquele amor que é o que me segura, que gratifica também. A questão financeira: você já viu que o que puder existir é nenhum [dinheiro], quase nenhum, mas tem a questão do carinho, da solidariedade, do amor, que isso me gratifica, entendeu ? Têm pessoas que dizem a mim: «você está fazendo o quê aqui, criatura, seu futuro, você não tem casa, não tem bens nenhum, não tem móveis, você não tem nada». Para mim não quer dizer nada, sabe ? Você não sabe se vai morrer amanhã, se cai hoje, e fica tudo aí. Então, eu quero viver o presente, porque o futuro... Eu penso assim. Se eu estou bem hoje, não quero saber se não vou estar bem amanhã, quero saber que hoje estou bem e não sei nem se vou acordar amanhã. Por isso eu não me preocupo com nada material assim, dinheiro, essas coisas, apesar de que o poder aquisitivo, financeiro, fala mais forte, principalmente no candomblé hoje. Sem dinheiro não se faz nada, mas eu acho que estou conseguindo fazer, consigo desde quando estou aqui — eu vim para aqui morar, morar aqui mesmo, em noventa. Eu nunca deixei de fazer nada para o orixá por conta de dinheiro, entendeu ? Não tem aquele luxo, não tem, mas nós temos a força do orixá. Eu não quero quantidade, eu quero qualidade.

Martin: Você é uma mãe-de-santo muito jovem, não é ?

Valnizia: Para mim, sabe, enfrento uma situação muito difícil, porque tem a questão da idade. As pessoas cobram (?) que não é normal uma pessoa da minha idade assumir a liderança num terreiro antigo como esse. Então existe muita cobrança (?) daquele povo antigo quando chega: «ah, e essa menina, o que está fazendo ?» Mas eu tenho claro, eu tenho minhas idéias formadas, que não são iguais às delas.

Eu não quebro essência da obrigação não, isso aí para mim é fundamental. Eu faço tudo como elas fizeram e fazem lá na Casa Branca, que são meu povo antigo. Mas tem muito de coisa também, muito de hierarquias que eu já não preservo mais. E por isso enfrento muito de dificuldades, porque elas sempre estão achando que eu estou revolucionando, que não freqüento a igreja: as minhas filhas-de-santo não vão à igreja. O pessoal nos terreiros está muito preso à igreja católica, e eu não. Eu faço as minhas obrigações, quando termino... Aqui não tem nada a ver com igreja. Tem terreiros que terminam essa obrigação de iaô, aí leva iaô para três igrejas, para dar bênção o padre. Não, porque ele é um sacerdote, e eu sou a sacerdotisa, e a mesma força que ele tem, eu tenho — espiritual. Então assim, depois, a minha iaô passa 21 dias mais na obrigação. A gente usando tudo da natureza, tudo o sagrado que ela considera, e depois vai para o padre dar a última bênção ? Não, a última bênção que dá é o orixá da pessoa — é o meu conhecimento da religião. O candomblé é uma religião comprovada, infelizmente não podendo ser reconhecida, mas sempre foi uma religião. Então, eu acredito isso e sei o que é, mais tem, existem pessoas, como minha mãe-de-santo, por exemplo, que não entende isso nem tem a obrigação de entender. Eu faço lá a obrigação e vou, se elas me levam a igreja, vou. [Estou] respeitando a forma de elas cultuarem, porque elas, mulheres de 80 ou 70 anos, que nem têm privilégio de serem alfabetizadas, quanto mais de entender que a igreja não tem ligação nenhuma com o candomblé. Com o pouquinho conhecimento que eu tenho, entendo isso não. Agora, respeito a opinião delas e também quero que elas respeitem a minha. Não abro mão. Não misturo mesmo. Inclusive acho a religião bonita, o catolicismo, não tenho nada em contra. Tenho minha religião de candomblé, mas se eu não fosse de candomblé, seria católica. Não tenho nada contra o catolicismo, entendeu ? Mas não misturo mesmo. Minha filha foi batizada porque lá em casa, cada dia diziam: «não, tem que batizar». Mas se hoje eu tivesse um filho, eu não batizaria na igreja católica. Eu vou fazer batizado no terreiro, eu vou fazer casamento, então ? Se na igreja católica faz, se na protestante faz... Todos eles fazem cerimônias de casamento, [no candomblé] nunca fizeram. Agora, eu vou fazer, vou começar, eu acho que a gente pode fazer, entendeu ? E eu vou fazer, da forma do candomblé, da nossa forma de cultuar. Sei que vai ser um pouco difícil eles aceitarem: as pessoas mais idosas. Mas com jeitinho eles vão até entender que é preciso, porque está nosso espaço no candomblé [...]. Hoje eu já consegui que eles aceitassem um pouco a minha forma de cultuar, já consegui, um pouco, mas está sendo difícil, sempre estou vendo alguém fazendo observação. Eu tenho aquela questão do povo, que é meu povo, meus filhos-de-santo. Aquelas pessoas que não vão entender a minha forma de cultuar, não tem interesse nenhum que elas fiquem como filhos do terreiro. Por isso eu tenho aquele período de experiência que a pessoa passa como abiã — abiã é uma pessoa que não é iniciada. Então, as pessoas que participam diretamente do terreiro como filhos-de-santo são pessoas que têm opiniões igual à minha.

Candomblé e a modernização

Martin: Como é que repercute a «modernização» nos terreiros ?

Valnizia: Existe uma evolução muito grande, eu acredito que não para melhor. Olhe: algumas coisas para melhor, e outras para pior. Porque existe muita coisa nessa evolução que não está sendo bem para a cultuação do orixá, entendeu ? E o povo está perdendo muita essência também na forma de cultuar. Eu quando fiz santo, por exemplo, o pessoal do meu candomblé, meus abomes e a mãe-de-santo, não se falava em decá [licença para abrir terreiro]. É depois de sete anos que o pai-de-santo dá para o filho a permissão de abrir seu terreiro: é o pai-de-santo que dá isso através da obrigação. Então eu acredito que não existia essa coisa que existe hoje. Um exemplo: se vê que existem na Casa Branca mulheres, lá, de setenta, sesenta anos de santo, cinqüenta anos de santo: elas não têm cargo, não têm terreiro aberto. Têm cargo dentro do terreiro, porque existem vários tipos de cargo para a pessoa exercer no terreiro sem ser um de mãe-de-santo. E hoje, não, as pessoas fazem santo, com três quatro anos já, tudo lá, abrem a casa. Ahi é que vêm as decás mal dadas, vêm as cultuações mal feitas, vem a comercialização do candomblé: tudo isso está vindo através dessa modernização. Então um pouco eu acho que ajudou, mas a maior parte eu acho que não ajudou, porque o povo está perdendo a fé, o povo está perdendo o respeito pela religião. Aí o povo está assustado, com medo de achar que tudo é comercio, que tudo é folclore: e não é, entendeu ? O pessoal antigo que tinha cargo, como eu aqui, conta lá a historia que quando fui fazer santo ela já sabia o que eu ia fazer um dia, e eu não sabia. Assim veja como são as coisas. Eu não sabia antes, porque ninguém me disse, eu nunca tive costume de outros lugares jogar búzio nem nada, nunca tive interesse nisso. E ela não ia a me dizer porque achava que não estava preparada para saber uma coisa dessas. E hoje não, as pessoas já vão fazer santo dizendo: «eu vou fazer cargo de mãe-de-santo». Elas dizem, elas acham... Por isso, essa modernização eu estou achando que não está ajudando muito.

Martin: Então se multiplicaram muito os terreiros ultimamente ?

Valnizia: Muito, muito, muito, muito mesmo. Eu estou assim muito preocupada por isso que estou falando aqui, essa questão de pai-de-santo mal formado, vamos dizer assim. Eu, por exemplo, todos sabem que não dou decá. Decá é essa coisa que falei, que fazem para abrir terreiro, para quem tiver um cargo assim para assumir, liderar o terreiro, ser líder espiritual. Eu vou fazer o que fizeram comigo, porque eu tive todo apoio do meu povo lá do terreiro, todo, cozinheiro, apoio de axé, as coisas de obrigações, então faço com isso, passo para eles o que passaram para mim, não há ninguém «eh, minha mãe, eu abro uma casa» — porque acha bonito, porque quer comercializar. Que não conte comigo, não conte, porque eu não vou participar.

Eu estou com medo para o futuro, não sei que coisa pode acontecer com a nossa religião. Por isso existe a federação [Federação baiana do culto afro-brasileiro], [mas] eles não tem poder jurídico para

chegar num terreiro que está comercializando, faz na arbitrariedade, faz umas coisas que não deve [...]. Chega uma pessoa que não é iniciada e está batendo candomblé, fazem coisa errada: é fechar, [mas] eles não tem esse poder juridico para fazer isso. Então não interessa [...]. Se está errado, então vai fechar, e pronto. Não tem [um poder assim], ainda não existe [...]. Eu pensei muito nisso. [É preciso] ver com os terreiros a forma de existir, de se tomar a liderança, para poder ajudar os terreiros, [para] o povo confiar mais na religião, mas está muito difícil.

Martin: Você em quanto mãe-de-santo intenta fazer exatamente como se fez na sua casa há vinte ou mais anos ?

Valnizia: É claro. Eu acho que o candomblé nesse tempo era muito mais ... era menos — assim — evoluído, menos conhecido, mas eu acho que a essência, o axé era melhor. As pessoas respeitavam antigamente mais, cultuavam com mais seriedade.

Candomblé e a sociedade

Martin: Qual o nível social dos participantes de seu terreiro ?

Valnizia: Olhe: tem de tudo, viu, tem de tudo, de tudo mesmo. Agora, eu acredito que assim, estamos mais ou menos igual, metade de uma coisa e metade de outra. Eu acredito que se eu tenho vinte a vinticinco, trinta filhas-de-santo, eu acredito que metade, quinze vamos dizer, de uma forma, e quinze de outra. Agora, sabe, que quando chega aqui dentro, todos são iguais, entendeu ? Não existe intelectual, não existe nada, porque eu acho que intelectual quer os orixás, não é ? Reis aqui são os orixás, ricos aqui são os orixás, os melhores aqui são eles, no caso Xangô e a Oxum, que são os donos do terreiro, e os orixás no geral, todos os orixás que nos cultuamos. Então eu posso ter um filho-de-santo, um industrial, o mais rico aqui da Bahia e do Brasil eu posso ter aqui, mas ele vai ser tratado, ele vai ter tudo o que a outra semi-analfabeta, sem condição financeira, um assalariado ou sem salário vai ter, vai ser a mesma coisa. Por isso acredito até que eu não vou ter nunca um filho-de-santo assim. Talvez, mas eu acho que aqui vai ser muito difícil, porque eu tenho esse ponto de vista, tenho essa forma de pensar, então acho que sempre que aparece alguém assim aqui não fica. Aqui não é lugar de intelectual, é lugar de cultuar todos os orixás. Da porta para fora todo mundo é o que quiser ser, mas daqui para dentro todos nós estamos para um só fim, que é cultuar o orixá. Ahi, se quiser ficar, fica, se não... Aí você vê que aquela pessoa está querendo realmente cultuar, está querendo nenhuma outra coisa qualquer que eu não sei: talvez conhecer a religião, se aproveitar de alguma forma. Mais não, não abro mão disso, não abro mesmo.

Martin: Afora de sua função religiosa, os terreiros têm alguma função social, por exemplo no bairro ?

Valnizia: Isso aí é variado. Aqui por exemplo no bairro não, não muito, algumas coisas. Por exemplo, o terreiro faz parte da associação de moradores que tem no bairro, o terreiro sempre está participando para coisas tipo assim festas, campanha para a festa de criança, campanha para a escola, campanha para...

esse tipo de coisas. Tentam sempre participar, mas fora também do bairro, fora também. Depois, a questão também de os meus filhos-de-santo todos não serem do mesmo bairro ajuda para que isso aconteça em outros bairros, não é ?

Martin: O candomblé tem a ver com o movimento negro ?

Valnizia: Não. Candomblé é uma religião, entendeu ? E eu acho que religião nenhuma tem a ver com movimento de nada. Agora, eu acho que os negros é que têm a ver com o candomblé. Existe mesmo com certeza a ligação de orixá com negro, porque se existe com branco, hoje já por conta da mistura do sangue, se já existe com branco, quanto mais com os negros. Então eu acredito que eles sim têm ligação, mas não o candomblé com o movimento. E por isso não me envolvo nesse movimento, eu não faço parte. Respeito, mas não faço parte e não envolvo a minha cultuação, o meu candomblé não, nem com política nem com movimento. Política é longe do meu terreiro.

Testemunho de Valdina

Candomblé e a tradição cultural

Martin: Qual a relação entre a cultura da comunidade e o terreiro ? Como é que se transmite essa cultura ?

Valdina: Antes de falar do terreiro que eu participo, eu tenho de falar na minha comunidade a que eu pertença. Eu considero que muito embora só mais tarde, depois de se me iniciar na religião, eu vim a tomar conhecimento de uma série de coisas desta cultura que predomina lá no terreiro, eu já tinha sido iniciada desde minha infância, desde as primeiras palavras não portuguesas que eram comuns no linguajar, no falar do português da minha época de infância, na década de final de quarenta, cinquenta e início de sessenta: eu nasci em 43. A gente usava uma série de palavras — só mais tarde vim a saber que eram palavras africanas, angolanas, congolanas, moçambiquanas.

Eu noto que naquela época o linguajar que era falado de fora mesmo dos limites do terreiro era muito impregnado aqui e ali de termos africanos, mais do que agora: a língua tem mudado muito em função desta realidade que vai mudando. Talvez pelo fato de as pessoas estarem muito mais próximas ainda à origem, de não ter tantas influências de culturas externas, você mantinha isso. A minha educação doméstica ia muito carregada desses valores africanos que hoje a televisão deixa aí (?). Antes tinha muito aquela coisa do peso mesmo da família, da família assim mais ampla. Eu vejo como isso me influenciou. Os velhos, os anciãos, as pessoas vizinhas daquela época tinham uma influência na educação da gente, vigiavam, de certo modo contribuíram para a formação das crianças da minha geração.

A oralidade é um dos valores que eu acho que era bem freqüente na década de 60, eu acho que ainda era bem visível aqui nessa comunidade. Antes mesmo do chamado progresso, a gente tinha um terreiro, não um terreiro de candomblé, mas aquela parte que você tem na frente.

então a palavra também desapareceu. O terreiro de um ficava no limite do terreiro do outro. Era muito comum naquela época (não tinha televisão, não tinha as coisas de agora) as crianças se juntarem e os adultos também para fomentarem essas brincadeiras, esse lazer. Eu lembro muito de noites, muitas noites, que a gente sentava, e na frente sentava alguém mais velho, uma avó, uma tia, alguém mais velho, uma moça, uma mulher, um rapaz, sei lá, mas eram geralmente as mulheres. Sentava e contava estórias para a gente, aquelas estórias: estórias de bichos, estória de coisas, estórias de reis. Muitas dessas estórias foram trazidas da África. Aquela coisa coisa do contar estória, aquelas pantomimas todas que se utilizavam: era uma coisa comum. E a nível das comunidades de terreiro, é uma das coisas que a gente observa, esse tempo antes, e esse tempo do depois de cada ritual público que ocorre, é geralmente um tempo em que os mais velhos estão ali, as vezes os mais velhos do terreiro, ou os mais velhos de outro terreiro que têm ligação com a mesma raiz, a mesma família. E aí é um momento que geralmente se aproveita. Eles se reportam a antiguidade: «ah, porque no meu tempo teve isso, ah, teve tal festa». E falam de fulano de tal que tinha tal santo, que dançava assim ou que teve tal festa que foi assim, que se fez isso, entendeu ? Então nessa coisa de se reportar a aquele tempo aí, às vezes se abre um parêntese. Não estou dizendo que está ensinando, mas alguma coisa que rememora, e que passa algum ensinamento para quem está ali, os mais novos. É o que eu digo: é o tempo de se ensinar e de se aprender.

Mas hoje, com a televisão, com a mídia, as estórias foram substituídas, e não se tem isso. Quando se tinha esse espaço de você ficar numa noite de lua na frente do terreiro, é aí que se passavam essas estórias, com esse jeito de contar estórias de africanos, essa coisa de sentar todo mundo ali no chão, de ficar todo mundo ali e perguntando e curioso ... e às vezes uma estória que você tinha ouvido mas que tinha sempre interesse de ouvir a repetição, entendeu ?

Candomblé e modernização

Martin: Como é que influenciou a modernização nos terreiros ?

Valdina: Ao refletir como era, como não era no tempo de minha infância a comunidade, as pessoas que eu conheci mesmo antes de ser iniciada, mais que eram iniciadas, uma das coisas que eu acho que interfere hoje é o jeito de viver. A ocupação que se tinha antes era mais comum no seio da comunidade negra e difere da sua ocupação de hoje [...]. Se diz que o negro está se emancipando, está ocupando espaço: é bom [...]. Está ocupando determinadas funções dentro da sociedade, está praticando algumas profissões que eram mais ou menos de poucos, entendeu ? Então, a pesar disso, tudo para nós tem interferido de uma forma um pouco negativa. Por quê ? Antigamente, as pessoas eram domésticos, eram quitandeiros, eram vendedores ambulantes, os homens trabalhavam, muitos, na estiva, eram pedreiros, carpinteiros, mais de certo modo, eles eram mais donos do seu tempo, eles administravam

mais o seu tempo, eles tinham mais poder em administrar o seu tempo. Então, isso favorecia as pessoas passarem mais tempo dentro da sua comunidade religiosa. Isso era uma coisa que permitia também que as pessoas absorvessem mais aquela cultura, vivessem mais aquela cultura [...]. Hoje as pessoas não são tão donas do seu tempo. Por força das suas obrigações profissionais, elas não têm tanto tempo para passar dentro da comunidade religiosa, e a nossa maneira de ensinar e de aprender não é uma maneira de ensinar e de aprender que você faz isoladamente. Você não pode sentar a uma hora e passar tudo nessa hora. E um ensinar e um aprender que depende da convivência, que depende de você estar ali, do tempo que você têm antes em preparação [do ritual] e o tempo que você tem depois do desfecho dele: os momentos que são mais internos mesmo, são mais secretos, que são mais das pessoas estarem juntas, preparando uma coisa que é dividida com pessoas da religião e não religiosas também. É justamente no antes e no depois que ocorre o maior tempo para você ensinar e para você aprender. E as pessoas cada vez mais estão perdendo tempo, ou estão não dispondo desse tempo para o antes e para o depois, entendeu? Eu acho que isso tem interferido mesmo, tem interferido demais. É o próprio avanço, o próprio desenvolvimento da sociedade, a mídia, essa coisa do computador, da informática: tudo isso são coisas que você está correndo atrás disso, está vivenciando isso, e para algumas pessoas que talvez não tenham um equilíbrio certo... Essas coisas fazem as vezes com que alguém agora acha que é bom esse jeito de fazer, que já tem que deixar para trás [a maneira antiga], porque está vivendo numa outra realidade. Mas eu sempre me pergunto: que será se a gente abandonar esse jeito de fazer, esse jeito de viver, esse jeito de ensinar, esse jeito de aprender, esse jeito de passar a cultura, se a gente abandonar isso? A gente vai manter essa cultura ou a gente vai a transformar numa outra? Penso muito, divago muito sobre isso.

Martin: E a reação das pessoas mais antigas a essas mudanças?

Valdina: Às vezes, quando as pessoas mais antigas do terreiro, ou que mais freqüentam o terreiro da nossa família de santo, religiosa, dizem: «ah, no meu tempo era assim, que no meu tempo tinha isso». Então a gente vê que as coisas vão mudando e que a realidade da sociedade em que eles vivem também é outra, é diferente. Porque tem pessoas que vão vir com toda uma bagagem, uma vivência do lado de fora do terreiro [...]. As pessoas mais antigas que viveram naquela época é que às vezes não têm o alcance de ver que as pessoas são diferentes, que a realidade social, a realidade de vida é diferente. Elas às vezes não têm esse alcance [...]. Então, às vezes, eu interfiro mostrando que realmente não pode ser naquela mesma maneira, porque as coisas evoluem, as coisas vão mudando e a vida que se tinha antes não se tem hoje, não é? Então, às vezes aceitam, às vezes... Mais tem casos em que não só é por isso, é por desinteresse mesmo das pessoas, de não querer participar dessa forma de aprender.

Candomblé e a África

Martin: Existe uma consciência da história de Angola, da África no candomblé?

Valdina: Não tem não. Se tem, deve ser à medida que a gente consiga traduzir, refletir alguma coisa da história até o ponto em que eles [os escravos] foram tirados de lá, entendeu? Não teve uma continuidade, não teve uma divulgação dessa coisa. A partir de nós que nos apropriamos de determinados conhecimentos, a situação de Angola, o desenrolar de tudo, o desencadear do processo de luta pela descolonização, pela libertação mesmo... são conhecimentos que a gente vai se apropriando e vai tentando passar de várias formas, e eu, a nível do que eu vou conseguindo, vou passando à minha comunidade, mas é uma coisa que não é feita assim de modo geral. Porque realmente houve uma ruptura, a gente não estabeleceu esse fio, não ficou esse fio.

Martin: E para os mais velhos, o que é a África?

Valdina: Ah, é aquela coisa mítica mesmo, aquela terra distante, não é, de onde fomos trazidos: os avós, tataravós; é aquela coisa, é a visão que parece que a África é só um bloco, uma coisa só, não tem tantas diferenças, é aquela África de aquele tempo, do tempo que era da escravidão [...]. É uma coisa às vezes que eu sinto um pouco diluída, para alguns, entendeu? Então às vezes eles falam assim: «Ah, mas antigamente, mas antigamente...», não se referindo a «antigamente» como que fosse uma tradição vinda da África: «antigamente» à nível de aqui mesmo.

Martin: E quando começou aquilo que se chamou de «reafricanização» dos terreiros?

Valdina: Isso aí, eu acredito que com um pouco de influência desses movimentos sociais, esses movimentos... Porque na década de 70, com a influência dos negros norte-americanos, Black Power e de aquela coisa toda, isso influenciou também aqui no Brasil. Movimento negro sempre existiu, em alguns momentos pouco mais, pouco menos, mas essa vertente de agora vem de aí, vem da década de 70. Isso de certo modo influenciou, porque algumas pessoas que estão nesses movimentos sociais são pessoas também ligadas ao candomblé. Ou ainda que não estejam ligadas ao terreiro, são pessoas que têm a concepção de que a questão do negro envolve uma série de coisas e, por consequência, a religião, não é? Mas aí é que eu digo que aquela coisa de voltar à África, aquela coisa do panafricanismo, eu não vejo assim [...]. Muito embora nós sejamos descendentes de africanos, a nossa realidade não pode ser comparada com a realidade africana, entendeu? Então, nós somos negros brasileiros: afro-brasileiros, porque tem essa coisa da origem. Quando você vai... tem de bater na África mesmo. Mas eu acho é que tem de ter muito cuidado. Eu acho que é muito bom essa coisa do resgate, essa coisa de você se afirmar, porque você ainda tem alguns valores, algumas coisas que são daquela antiga tradição. [Mas] a África de hoje é diferente da África do tempo em que foram trazidos os escravos, é outra história, não é? É muito importante [...] poder dizer: eu também tenho origem, eu também vim de algum lugar, meus ancestrais eram de tal e tal lugar. Mas é muito importante também a gente conquistar um nosso espaço a nível

de aqui [...]. Minha realidade brasileira é esse lutar para ocupar esse espaço dessa realidade aqui como negro brasileiro, não como negro africano, entendeu ?

Para mim, o meu terreiro de candomblé [é] muito mais do que um espaço onde eu pratico a religião. É um espaço onde eu resgato essa identidade africana que eu tenho. Eu não posso dizer que eu sou negra banto pura. Eu sei que sou negra, [mas] eu posso ser mistura das várias culturas africanas, e até ter predominância de uma outra cultura. [O candomblé é o

espaço] onde eu, em quanto negra brasileira, resgato uma identidade, resgatei um nome africano. Na minha comunidade eu não sou Valdina, não minha comunidade eu sou Nzimewanga, ou Jimewanga: essa identidade com as coisas de lá. Então é esse espaço que tem para a gente ser a gente, para que a gente pudesse ser — com todo esse peso que vem por trás da gente. Eu sinto muita significação na comunidade por isso. É um espaço onde eu estou resgatando a minha identidade africana.

Résumé

Dans la ville de Salvador da Bahia, le candomblé, religion d'ascendance africaine, est une institution fortement enracinée dans le tissu culturel, particulièrement dans les secteurs marginalisés et populaires. Pour cela même, il se trouve exposé aux changements sociaux et culturels que provoquent les processus de modernisation. Les témoignages parallèles d'une mãe-de-santo du culte nagô (yoruba) et d'une makota d'un terreiro de tradition bantoue (nação Angola) — appartenant toutes deux, en termes religieux, à une génération intermédiaire — permettent d'imaginer comment on réagit, au sein des terreiros, au choc de ces processus.

Summary

In the city of Salvador da Bahia, the Candomblé, a Brazilian religion of African origin, is an institution deeply rooted in the cultural texture, particularly in lower class and marginalized communities. For that reason it is being exposed to the social and cultural changes caused by modernization processes. The parallel testimonies of a mãe-de-santo of the Nâgo (Yoruba) — both belonging, in religious terms, to an intermediate generation — allow us to imagine the reactions, within the terreiros, to the shock produced by these processes.